

## Representações sociais acerca da frequência de atendimentos de mulheres usuárias de crack

### Social representation about the frequency of care for women using crack

Jeferson Ventura<sup>1</sup>, Laura Fontoura Perim<sup>1\*</sup>, Leandro Corrêa<sup>1</sup>, Giovana Calcagno Gomes<sup>1</sup>, Aline Neutzling Bum<sup>2</sup>, Juliane Scarton<sup>1</sup>

---

#### RESUMO

As gestantes usuárias de crack necessitam de apoio social com um olhar diferenciado e compreensivo, para que consigam enfrentar o medo e a inabilidade frente à problemática, sendo que os profissionais precisam dar-lhes suporte. **Objetivo** conhecer as representações sociais acerca da frequência de atendimentos de mulheres usuárias de crack nos setores. **Metodologia:** Pesquisa qualitativa. Usou como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais. Participam 14 enfermeiras que atuavam na maternidade e centro obstétrico. Os dados foram coletados em 2018 por entrevistas semiestruturadas e analisados pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. **Resultados:** A equipe percebe que o número de mulheres que fazem uso do crack durante a gestação vem aumentando. A frequência de atendimento dessas mulheres na maternidade e centro obstétrico é semanal. O número de mulheres usuárias de crack atendidas nos setores é grande e frequente. **Conclusão:** Percebeu que esse número vem aumentando. A frequência de atendimentos dessas mulheres é semanal. O número de mulheres usuárias de crack atendidas nos setores é grande e frequente.

**Palavras-chave:** Mulheres; Gravidez; Cocaína Crack; Pessoal de Saúde; Enfermagem.

---

#### ABSTRACT

Pregnant women who use crack need social support with a differentiated and comprehensive view, so that they can face fear and inability in the face of the problem, and professionals need to support them. Objective to know the social representation about the frequency of attendance of women crack user in the sectors. Methodology: qualitative research. It uses the Theory of Social Representations as a theoretical framework, nurses who worked in the maternity and obstetric center participated. Data werw collecte though semi-structure inverviews and analyzed using the Collective Subject Discourse technique. Results: the team realizes that the number of women who use crack during pregnancy is increasing. The frequency of attendance of these women in the maternity and obstetric center is weekly. Conclusion: you noticed that this number has been increasing. The frequency of consultations for these women is weekly.

**Keywords:** Women; Pregnancy; Crack Cocaine; Health personmel; Nursing.

---

<sup>1</sup> Instituição de afiliação 1. Universidade Federal do Rio Grande

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pampa

\*E-mail: laurafperim@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

A maternidade e o centro obstétrico são ambientes onde a mulher gestante usuária de crack vai ser acolhida, enfrentar esta problemática do consumo de drogas durante a gestação, requer receber o apoio e o cuidados necessários para que esta mulher seja frequente aos atendimentos ofertados. Com a percepção de que é importante sua frequência as consultas na maternidade e no centro obstétrico terá maiores chances de conseguir se recuperar e conseqüentemente fortalecer os vínculos com a criança após o parto.

No que diz respeito a frequência ao serviço de saúde da gestante usuária de crack, apenas 52,5% procuram os cuidados durante a gestação em Unidades Básicas de Saúde (UBS), Centros de Saúde, Ambulatórios, Unidades de Pronto Atendimento (UPAs). Compreendendo assim, que mais da metade das gestantes usuárias de crack não acessam qualquer serviço de saúde, alertando para o baixo acompanhamento pré-natal destas mulheres (CLEMENTINO ET AL, 2021).

Conforme Lopes et al (2016), a enfermagem atua com propostas de sistematização para o cuidar destas usuárias, possibilitando o direcionamento para o atendimento especializado, como maternidades e centros obstétricos. Assim, será possível o planejamento de estratégias de prevenção de agravamentos de saúde, diagnóstico precoce e tratamento das mesmas, de forma educativa e preventiva acerca das complicações de saúde devido ao uso do crack à mulher e ao feto.

Ventura et al (2021), considera a necessidade de apoio social diferenciado e compreensivo para as gestantes usuárias de crack, pois para que consigam enfrentar o receio e a inaptidão durante o período gestacional estas mulheres precisam se sentir acolhidas. Buscando por serviços assistenciais hospitalares na maternidade, provido de recursos pessoal, material e financeiro com o objetivo de atender as demandas frente à gravidez, principalmente nesta situação de dependência destas mulheres, os profissionais precisam agir com sensibilidade, afim de acolher com subsídios favoráveis à saúde mental da gestante e de assistência ao recém-nascido.

De acordo com Wronski et al (2016), durante o período gestacional mudanças físicas e psicológicas ocorrem, devido a mulher usuária de crack ter sua personalidade influenciada pelas vivências envolvidas pela história pessoal, possível diminuição na capacidade de resolução de conflitos entre outras circunstâncias pelo uso da droga. Vale

salientar que esta exposição intensifica as características no fator socioeconômico, contexto social, suporte conjugal e familiar acerca da assistência frequente da gestante e do bebê.

Nesse contexto, é possível perceber que tanto a criança quanto à mulher são seres vulneráveis. A criança pelo fato de ser indefesa e a mulher porque geralmente sozinha não consegue fazer o enfrentamento de sua situação como usuária de crack, precisando de apoio, geralmente da família e dos profissionais da saúde. Algumas pesquisas apontam a importância que a família tem frente à problemática do uso de drogas, no sentido de estar presente, de fornecer apoio, de dar orientações e informar sobre a droga e seus malefícios tanto para a saúde quanto para o convívio familiar.

Um dos motivos que prejudicam de modo direto o cuidado às mulheres usuárias de crack é a visão de que são perigosas, imorais e responsáveis pela sua condição. Parece haver entre os profissionais da área da saúde a percepção de que o uso de drogas não é um problema de saúde, mas como falha de caráter, fazendo com que seja atribuído a esta população a responsabilização pelo surgimento e pela solução da problemática. Estas atitudes dificultam seu acolhimento e acesso aos serviços de saúde (RONZANI; NOTO; SILVEIRA, 2014).

Verifica-se a necessidade dos serviços de saúde se prepararem para dispensar um atendimento específico a estas usuárias de crack, pois se encontram em situação de vulnerabilidade social. São necessárias equipes capacitadas e treinadas, aconselhamento e apoio psicológico, permitindo assim que o ambiente dos serviços de saúde se torne mais acolhedor, fazendo com que essas usuárias se sintam acolhidas nestes locais (BERTONI et al., 2014).

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa descritiva, exploratória com abordagem qualitativa (Minayo, 2014). Teve como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais de Sergei Moscovici. Participam deste estudo, 14 profissionais enfermeiras que atuavam na maternidade e centro obstétrico de um hospital do sul do Brasil. Foi utilizado como critério de inclusão atuar no setor há pelo menos quatro meses e exclusão estar de férias ou licença saúde no período da coleta dos dados.

Os dados foram coletados no segundo semestre de 2018, por meio de entrevistas semiestruturadas. As quais foram gravadas e após transcritas na íntegra. As enfermeiras

foram questionadas acerca da frequência de atendimento de mulheres usuárias de crack; diferenças no comportamento dessas mulheres em relação às não usuárias; Como se dá o recebimento dessas mulheres no setor; Existem diferenças no trabalho de parto das mulheres usuárias de crack e aquelas que não fazem uso; Como é o cuidado que as mulheres usuárias de crack prestam ao recém-nascido após o parto; Como é o cuidado familiar a essas mulheres no setor; Que necessidades de cuidados essas mulheres necessitam receber no setor; Qual a dificuldade para prestar-lhes assistência as mulheres usuárias de crack; Como é assistência de enfermagem prestada a essas mulheres no setor.

Os dados foram submetidos à análise pelo Discurso do Sujeito Coletivo. Esse consiste na organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, matérias de revistas semanais, papers, extraído de cada um as ideias centrais e/ou ancoragens e suas correspondentes expressões-chave. Nesta técnica, por meio dos depoimentos, se busca reconstruir, com fragmentos de discursos individuais, discursos-síntese que expressem uma forma de pensar ou representação social sobre um fenômeno (Lefèvre e Lefèvre, 2012).

O estudo respeitou a Resolução 466/12 referente à realização de Pesquisas com Seres Humanos (Brasil, 2012). Foi iniciado somente após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), sob o número 113/2018 e CAAE 90845618.3.0000.5324. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias e para garantir o anonimato foram identificadas pela letra E seguida do número da entrevista.

## **Resultados**

A equipe percebe que o número de mulheres que fazem uso do crack durante a gestação vem aumentando. A frequência de atendimento dessas mulheres na maternidade e centro obstétrico é semanal. O número de mulheres usuárias de crack atendidas nos setores é grande e frequente.

**Ideia central 1:** A percepção da equipe é que o número de mulheres que fazem uso do crack durante a gestação vem aumentando.

**DSC:** A quantidade de mulheres usuárias de crack atendidas no setor tem aumentado. Eu não sei te falar a quantidade assim. Aumentou em relação a quando eu comecei. Eu não sei se antes tinha, porque a droga sempre esteve aí. A droga sempre existiu. Eu não sei se antes as Políticas Públicas funcionavam mais, e agora, com toda essa crise que a gente vive não. A gente não sabe o que influenciou isso, mas que aumentou, aumentou sim. Esse número de atendimentos vem aumentando cada vez mais. Eu noto isso nos últimos 6, 7 anos. Mas as pacientes são quase sempre as mesmas. A gente atende elas aqui uma vez por ano. Às vezes aparece uma paciente diferente. Elas têm um filho a cada ano. Noto que esse número vem aumentando, não sei ao certo se vem aumentando ou se elas relatam mais que são usuárias, pois as vezes elas já chegam falando. Antigamente elas escondiam muito que eram usuárias. Hoje elas falam mais, mas vem aumentando sim. A maioria são moradoras de rua ou trabalham com prostituição. Embora a gente não pegue em trabalho de parto a gente fica sabendo que tem na maternidade uma ou duas usuárias de crack, tem três bebês na Neonatal que são de mãe usuária de crack. Nós percebemos um aumento bem significativo nos últimos 10 anos. (E2, E3, E4, E5, E6, E11, E13).

**Ideia central 2:** A frequência de atendimentos das mulheres usuárias de crack na Maternidade e Centro Obstétrico é semanal.

**DSC:** Toda semana temos gestantes ou puérperas que internam conosco que foi usuária ou que usou no início da gestação. Umas até conseguem neste período parar, outras não. Não conseguem parar ou param um dia antes de vir para cá. Geralmente, tem. Toda a semana tem. É difícil ficar alguma semana sem ter alguma gestante usuária de crack, mas sempre tem. O tempo que estou aqui toda semana tem alguma mulher que faz uso do crack. Geralmente, de noite a gente atende uma, duas ou três por semana. Sempre aparece uma usuária de crack. Depende, é muito relativo. Mas sempre é esse número, mais ou menos. A gente meio que se perde nas semanas, mas é bastante. (E2, E3, E4, E5, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E14).

**Ideia central 3:** É frequente e grande o número de mulheres usuárias de crack atendidas nos setores.

**DSC:** Eu percebo que é um número muito grande de atendimentos. A gente tem em torno 175 partos num mês. É muito grande o número. Aqui com bastante frequência o atendimento as mulheres usuárias de crack. A frequência é alta. É bem frequente, tem o ambulatório que elas fazem o pré-natal de alto risco e umas usuárias até fazem o pré-natal. Tem meses que é bem frequente o atendimento a mulheres usuárias de crack. É uma frequência bem extensa porque sempre tem mulheres internadas. Às vezes fica um período sem ter e às vezes tem um período que vem uma atrás da outra, mas é bem frequente. A gente vê que está sendo mais frequente, gestantes e puérperas usuárias internarem para ganhar o bebê. (E1, E2, E5, E6, E7, E8, E11, E14).

## **Discussão**

Em relação às Representações Sociais acerca da frequência de atendimentos de mulheres usuárias de crack nos setores a equipe percebe que o número de mulheres que fazem uso do crack durante a gestação vem aumentando. A frequência de atendimento dessas mulheres na maternidade e centro obstétrico é semanal. O número de mulheres usuárias de crack atendidas nos setores é grande e frequente.

Baseado nas representações sociais das participantes desta pesquisa evidenciou-se elevado número de atendimentos destas mulheres nos setores. Ancorado nestas RS torna-se necessário discutir a feminização do uso de drogas como fenômeno de grande complexidade, tendo em vista o risco de engravidarem devido a relações sexuais desprotegidas, adquirindo IST e comprometendo a saúde do feto e do recém-nascido (MEDEIROS; MACIEL e SOUSA, 2017).

Questões de visibilidade relacionada às mulheres que fazem uso de drogas, assim como possíveis impactos sociais e de saúde estão ocupando lugar de destaque nas discussões pelos órgãos e instituições de saúde há pouco mais de uma década. Acreditava-se que a dependência química não acometia o universo feminino, uma vez que as mulheres não apresentavam problemas visíveis em relação a drogas. Por estas razões esta população, durante muitos anos, foi deixada de lado pelo poder público (MEDEIROS et al 2015). O aumento da prevalência do uso e dependência de drogas na população feminina, por anos, foi negligenciada nos estudos a respeito da dependência química. Nesse sentido, as características femininas neste contexto foram marginalizadas, tendo apenas enfoque e interpretações de cunho moral, resultado de

uma constituição sociocultural em torno do gênero feminino e dos seus papéis sociais (FERREIRA, 2013).

No que se refere nas questões de divisão de gênero, é importante ressaltar que embora o uso e abuso de drogas tenham sido, por muitos anos, vinculado ao grupo masculino esta problemática não é restrita apenas ao homem. Nos primórdios da história da humanidade, é pouco provável que o uso de substâncias psicoativas/ alucinógenos estivessem restritos apenas aos homens, apesar de que durante muito tempo o sexo masculino sempre esteve com índices acima do feminino no que diz respeito ao uso de drogas (MEDEIROS, MACIEL, SOUSA, 2017).

As RS desse estudo mostra que é cada vez mais comum encontrar mulheres gestantes vivenciando a condição de dependentes químicas. Estas mulheres que enfrentam problemas relacionados ao uso de drogas geralmente tem um histórico de consumo que antecede a gravidez, o que pode ser uma das dificuldades de evitar o uso das drogas durante o período gestacional. No entanto, as orientações e informações a respeito dos malefícios do uso da droga, circulam no senso comum e alertam para o perigo do consumo durante a gestação (ROCHA E ROCHA, 2019).

O crack é uma substância de alto poder alucinógeno, baixo custo, também, tem sido consumido com muita expressividade entre as mulheres principalmente as que estão em idade reprodutiva. É uma substância psicoativa que provoca euforia e que resulta da mistura do pó ou da pasta de cocaína e do bicarbonato de sódio semelhantes a cocaína, porém os efeitos no organismo variam um pouco, uma vez que, a droga pode ser fumada, atingindo rapidamente o sistema nervoso central (CAMARGO & MARTINS, 2014).

Na pesquisa de Medeiros et al (2015) teve como objetivo conhecer e analisar as representações sociais acerca do crack elaboradas por dependentes químicas em tratamento. Participaram 45 usuárias de crack com idade média de 29,11 anos, internadas em comunidades terapêuticas e clínicas de reabilitação. Seus resultados evidenciaram que estas mulheres são capazes de produzir conhecimentos a fim de contribuir para ampliar a compreensão a respeito da relação entre o gênero feminino e uso de drogas. Verificou-se que o crack além do autopoder devastador é responsável por levar a mulher a abandonar ou afastar-se de funções inerentes ao sexo feminino. Constatou-se ainda, que esta mulher é vista com uma problemática de ordem moral, gerando uma representação depreciativa. Estas representações exercem influência

negativa na forma com a mulher usuária de drogas é vista socialmente, fortalecendo as barreiras sociais que afastam estas mulheres dos serviços de saúde, dificultando a procura pelo tratamento e a recuperação.

Ancorado nas RS deste estudo evidenciou-se que a frequência de atendimento dessas mulheres gestantes usuárias de crack na maternidade e centro obstétrico é semanal. Na pesquisa de Maia, Pereira & Menezes, (2015), foi evidenciado que o consumo desenfreado do crack está cada vez mais significativo, uma vez que pode acarretar graves consequências a saúde destas usuárias, assim como para a saúde dos que ainda estão para nascer.

Ao analisar os contextos em que as mulheres usuárias de substâncias psicoativas estão inseridas, uma questão sociocultural abarca um dos elementos que vai para além das questões relacionadas ao uso de substâncias psicoativas, que é a questão de Gênero. No Brasil, existe uma lacuna no conhecimento acerca da análise a respeito do uso de substâncias psicoativas a partir de uma perspectiva de gênero, principalmente nas questões femininas, sendo que um olhar mais atento para as questões de gênero pode revelar fragilidades das políticas públicas voltadas para a população de usuárias de drogas, que por vezes não tem as suas reais necessidades identificadas e atendidas (ALVES e ROSA, 2016).

Embora que alguns estudos tragam em seus resultados o consenso que o consumo de crack ainda é predominante na população do sexo masculino, existe uma diminuição na diferença da proporção de consumo de drogas entre homens e mulheres. A propensão a “igualdade de gênero” no que diz respeito ao consumo de drogas, justifica-se pelas mudanças nos estilos e hábitos das mulheres, que ocorreram na transição do século XX para o XXI. Também se compreende que as mulheres que fazem o uso de drogas, constituem um subgrupo diferenciado dos homens, com características e necessidades de atendimento diferenciadas, que aos poucos começa a ganhar maior relevância. As ações voltadas ao público feminino, que visam minimizar o impacto relacionado a dependência química são necessárias e são importantes. Porém o enfrentamento desta problemática é difícil devido à escassez de investigações que contemplem as singularidades e as especificidades do envolvimento dessas mulheres com a droga (MEDEIROS et al, 2018).

Segundo o Relatório Mundial sobre Drogas (United Nations Office on Drugs and crime [UNODC], 2019) revelou que se estima que no mundo existem

aproximadamente 35 milhões de pessoas com transtornos decorrentes do uso de drogas e que necessitam de tratamento. Nesta mesma pesquisa foi evidenciado o aumento do público feminino nos perfis epidemiológicos. Neste mesmo relatório o consumo de cocaína alcançou o recorde de 1.976 toneladas em 2017, um aumento de 25% em relação ao ano anterior. Ao mesmo tempo, a quantidade global de cocaína apreendida em 2017 aumentou 13%, chegando a 1.275 toneladas, a maior quantidade já registrada. Por estes motivos podemos evidenciar o aumento dos poli usuários de drogas, principalmente a cocaína e suas formas similares, atingindo a população em geral principalmente as mulheres em situação de vulnerabilidade.

De acordo com o relatório da UNODC do ano de (2016), nos Estados Unidos, evidenciou-se que na última década mais mulheres do que homens começaram a usar heroína. No período de 2002 a 2004 era 0,08%, já no período entre 2011 a 2012 esse número aumentou para 0,16%. Em países da Europa, como Portugal, as mulheres quando comparadas aos homens têm maior taxa de continuidade do uso de drogas, tais como maconha, ecstasy e cogumelos alucinógenos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

A dependência de drogas, principalmente a cocaína e seus similares, pasta base, Oxi, Merla crack, é uma das doenças mais desafiadoras do mundo. Por esta razão precisam de ações voltadas aos usuários, visando a singularidade e especificidade de cada sujeito. O Relatório Mundial sobre Drogas, realizado pelo Escritório das Nações Unidas para Drogas e Crime (UNODC) em 2013, evidenciou que 17 milhões de pessoas já tiveram contato com a cocaína pelo menos uma vez (UNODC, 2013). Entretanto as Américas foram as regiões que apresentaram os maiores problemas relacionados ao tráfico de cocaína, considerando que o uso e o tráfico de cocaína são mais proeminentes na América do Sul, principalmente no Brasil devido a sua localização geográfica e à sua grande população urbana (UNODC, 2014).

No Brasil, de acordo com a pesquisa realizada, cerca de 4% da população consumiu cocaína pelo menos uma vez na vida e em torno de 1,5 já usaram crack (GIGLIOTTI et al, 2014). Desta população as mulheres representam 21,3% dos usuários de crack nos locais onde há grande concentração de usuários de drogas (BASTOS et al, 2013). O Relatório Mundial sobre Drogas, mostrou que ainda o uso de drogas ilícitas é mais entre os homens do que as mulheres, já o uso de drogas farmacêuticas é maior entre as mulheres (UNODC, 2014). Além disso, há evidências de um grande aumento do uso de crack entre mulheres (FERTIG, 2016).

Um levantamento realizado pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), divulgado no mês de setembro de 2012, mostrou que o Brasil soma em torno de 2,6 milhões de usuários de crack e cocaína. Apesar dos homens serem o maior quantitativo no uso desta substância, entre as mulheres usuárias de crack, o índice de dependência chegou a 54%, a maioria de mulheres em idade reprodutiva (WANDEKOKEN E SIQUEIRA, 2013). Estes dados se assemelham com os resultados desta pesquisa onde foi evidenciado pelas participantes do estudo o aumento do número de mulheres gestantes que fazem o uso do crack atendidas nos setores.

A atual conjuntura epidemiológica do Brasil mostra a expansão do consumo de drogas na população feminina, especialmente de álcool e cocaína, esta consumida na forma de pó ou nas formas similares da pasta base, crack e merla (MARANGONI e OLIVEIRA, 2012). As drogas tiveram um grande aumento do número de usuários e fazem parte da vida das pessoas de forma universal, sendo que as populações de classe sociais mais baixas, juntamente com a população jovem e as mulheres constituem um grupo de maior vulnerabilidade, pelo fato de passarem por diversas transformações ao longo da vida. Por esta razão é de importante trabalhar com a prevenção do uso de drogas em idades precoces, assim como nestas populações de maior vulnerabilidade social e emocional (BRUSAMARELLO et al, 2012).

É urgente a necessidade de capacitação dos profissionais da saúde que atuam com esta população assim como a ampliação nas redes de atenção de serviços a saúde mental, na assistência a mulher com problemas decorrentes do uso do crack. São necessárias políticas públicas que abarquem as reais necessidades da população feminina, visando um trabalho de prevenção e de intervenção mais eficaz na questão do uso do crack na sociedade (MEDEIROS et al 2015).

### **Considerações Finais**

Em relação às Representações Sociais acerca da frequência de atendimentos de mulheres usuárias de crack nos setores a equipe percebeu que esse número vem aumentando. A frequência de atendimentos dessas mulheres é semanal. O número de mulheres usuárias de crack atendidas nos setores é grande e frequente.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, T. M.; ROSA L. C. S. Usos de substâncias psicoativas por mulheres: a importância de uma perspectiva de gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 24, n. 2, p. 443-462, 2016.
- BASTOS, FT, et al. Perfil dos usuários de crack e / ou similares no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz. 2013.
- BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução 466, de 11 e 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos, Brasília-DF, 2012.
- BRUSAMARELLO, T., et al. Redes sociais de apoio de pessoas com transtornos mentais e familiares. **Texto contexto enferm.** V. 20, n.1, p. 33-40, 2012
- CAMARGO, P. O; MARTINS, M. F. D. Os efeitos do crack na gestação e nos bebês nascidos de mães usuárias: uma revisão bibliográfica. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. Suplemento Especial, p. 161-169. 2014.
- FERTIG, A.; et al. Mulheres usuárias de crack: Conhecendo suas histórias de vida. **Escola Anna Nery**, v. 20, n. 2, p. 310-316, 2016.
- FERREIRA, L. O. Saúde e relações de gênero: Uma reflexão sobre os desafios para a implantação de políticas públicas de atenção à saúde da mulher indígena. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 4, p.1151-1159, 2013.
- LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Pesquisa de Representação Social. Um enfoque quali-quantitativo. **Brasília (DF): Liberlivro**, 2012.
- MARANGONI, S. R.; OLIVEIRA, M. L. F. Use of crack by multiparous socially vulnerable woman: a life history. **Ciênc Cuid Saúde**, v. 11, n. 1, p. 166-172, 2012.
- MEDEIROS, K. T. et al. Vivências e Representações sobre o Crack: Um Estudo com Mulheres Usuárias. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 3, p. 517-528, 2015.
- MEDEIROS, K. T., MACIEL, S. C., & SOUSA, P., F. Women in the context of the drugs: Social representations of users in treatment. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 27, n. (Supl. 1), p. 439-447. 2017.
- MEDEIROS, K.T. et al. Traçando o Perfil de uma Amostra de Usuárias de Crack em Tratamento. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 10, n. 1, p. 160-174, 2018.
- MAIA, J. A., PEREIRA, L. A., MENEZES, F. A. Consequências do uso de drogas durante a gravidez. **Rev Enferm Contemporânea**. V. 4, n. 2, p. 121-8. 2015.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. (2015). Relatório anual: A situação do país em matéria de drogas de toxicod dependência. Lisboa, Portugal: **SICAD**.
- MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. **São Paulo: Hucitec**, 2014.
- ROCHA, E. N. T., ROCHA, R. R. Drogas na gravidez e consequências em recém-nascidos. **Journal of Specialist**, v. 1, n. 2, 2019.

GIGLIOTTI, A. et al. Paradigmas de políticas públicas para drogas lícitas e ilícitas no Brasil. **Abuso de substâncias**, v. 35, p. 292-297. 2014.

UNITED NATIONS. United Nations Office on Drugs and Crime. World Drug Report. Nova York, 2016.

UNODC. United Nations Office on Drugs and Crime. Relatório Mundial sobre Drogas 2013 . **Viena**.

UNODC. United Nations Office on Drugs and Crime. Relatório Mundial sobre Drogas 2014. **Viena**.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. About UNODC. [S.l.], 2019.

WANDEKOKEN, K.D., SIQUEIRA, M.M. Aplicação do modelo de Neuman e diagnóstico de Nanda ao cuidado do usuário de crack. **Cienc. Enferm.** v.19, n.2, p.125-139, 2013.

*Recebido em: 01/10/2022*

*Aprovado em: 03/11/2022*

*Publicado em: 06/11/2022*